

DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTAMENTO À LUZ DO JUDICIÁRIO - TUDO PELA VIDA

Acad. Geraldez Tomaz - Para a REVISTA DA APMED

No último mês, observamos uma polêmica, em relação à descriminalização do aborto em nosso País, atingindo um período transicional organogenético até a 12 (décima segunda semana de gestação).

Envolve esta problemática, aspectos, éticos, morais, médicos, religiosos e de perfil reprodutivo das pacientes jovens ou com idade superior a 35 anos, mas em pleno menacme ou vida reprodutiva. Quem ao longo da sua vida médica, como tocólogo ou obstetra, não se deparou com casos de abortamentos inevitáveis, cuja etiologia terminou como idiopática ou de causa desconhecida, mas que foi o profissional obrigado a salvar à mãe, devido a processos hemorrágicos quase cataclísmicos. Algumas com deteriorações embrionárias ou até fetais, não sabíamos se houvesse uma forma de deter a hemorragia, como seria o porvir deste provável nascituro. Quantas apresentavam o chamado "missed abortion", ou ovo morto e até ultrapassando as 12 semanas do ciclo gravídico, tínhamos que termos uma ação médica, obstétrica de eficácia, salvaguardando a vida da mãe, para futuras gestações. Hoje, vemos, lemos e observamos que uma caneta pode determinar que a parturiente grávida tem, por decisão, em primeiro voto, na Suprema Corte do Brasil, ao apagar das luzes de tantos votos e relatorias, que mereceram aplausos de seus pares e da sociedade, como um todo terminar de forma lânguida, talvez ao colocar seu ombro, em seu lar, começa a pensar: o que fiz para amparar mães, que, após esta decisão, tornaram-se arrependidas deste desiderato infeliz.

Na minha vida de Toco-ginecologista, muitas vezes, cheguei a emocionar-me, pois via o choro destas pacientes, no momento do abortamento e quem, como profissional olhou no semblante daquelas, que decidiram abortar e alguém aceitou realizar tal procedimento em embrião vivo e do ponto de vista clínico e imagenológico, assistiu e visualizou a vida: com os batimentos cardíacos fetais, com a conclusão da organogênese embrio-fetal, sistema nervoso central, já completo, a placenta já assumindo o seguimento de sua gestação hígida e que no futuro este nascituro daria

alegria a ela e a todos os familiares. Quem sabe seria: uma médica, uma filósofa, uma magistrada, uma engenheira que contribuiria para a nação, da forma mais eloquente, persuasiva e expressiva na vida.

O caso mais dantesco que ficou em minha memória aconteceu durante curso de pós-graduação em Salvador - Bahia – e era este simples acadêmico, nável obstetra, quando recebemos na Maternidade Tsylla Balbino, dirigida na época por um grande mestre da Tocurgia de então: Prof. José Maria Magalhães Neto, o qual o chamávamos carinhosamente de Prof Zezito Magalhães, uma paciente com cerca de 24 ou 26 anos de idade, que havia realizado um abortamento provocado, por algo tóxico e também perfurante, pois fez um abdômen agudo, com perfuração de sua matriz uterina e fizemos de tudo, que estava ao nosso alcance: Pan- histerectomia em uma gangrena uterina, provocada pelo Clostridium Welchii ou Clostridium Perfringens e esta paciente, com menos de 48 horas obituou, com uma icterícia generalizada, determinada pelo agente agressor e, quando deu entrada à maternidade jamais disse o que usou e quem fez aquele ato criminoso. É algo a se pensar, pois elas nunca afirmam como procedeu ou quem provocou tal abortamento, que deveria chegar a exatamente 12 semanas. Morrem e ocultam todo o desenrolar desta ação melancólica, sorumbática e triste.

No perfil obstétrico, das pacientes que dizem: eu sou dona do meu corpo e faço o que desejo com ele. Tantas pesquisas realizadas, com pacientes, mesmo em condições socioeconômicas baixas, na nossa estratificação, lutam em serviços públicos e privados, pelo seu instinto materno, com desejo de serem mães. Isto é uma alegria, não somente para o médico, mas para seus familiares e ocorre com frequência, nos serviços de Reprodução Assistida e também com aqueles que se dedicam a solucionar problemas de forma clínica ou cirúrgica, alcançando a felicidade de assistir uma mãe gestar e, após o devido pré-natal, vê-la venturosa, amamentando seu filho tão desejado. Tive emoções e atendi mulheres pobres, que tinham desenvolvido obstrução de trompas por Doença Inflamatória Pélvica e vem também à minha memória uma paciente pobre, de poucas posses, a quem operei, tendo a felicidade de vê-la muito agradecida e dizendo, com seu exame de gravidez positivo: agora serei mãe. Concluo este pequeno texto, pedindo para retirarem de pauta este capítulo que não enobrece aos que, diuturnamente,



lutam para salvar vidas, mitigar sofrimentos e, portanto, alcançarmos o que aprendemos com a Medicina Hipocrática.